Se mais alguma coisa há a observar é que, na preocupação de fornecer uma tão extensa bibliografia de estudos sobre educação (sociológicos, psico-sociológicos — sobretudo) ou então de relatórios de intervenção, não tenha havido «espaço» para citar um único estudo europeu continental sobre a matéria, quando à data, pelo menos em França e não apenas num centro de investigação, estes estudos têm tido um tão notável desenvolvimento.

Para maior informação, fornece-se a seguir o Sumário da obra: 1. Introduction; 2. Education and Economy; 3. Education and social mobility; 4. Family background, values and achievement; 5. The family, the socialization process, and achievement; 6. Who controls our schools?; 7. The teaching professions; 8. The school as a formal organization; 9. The school as a social system; 10. Education and social change, select bibliography; Index.

Maria Eduarda Cruzeiro

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo — *Dependência e Desenvolvimento na América Latina* — Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970, 143 p.

O esforço principal feito neste livro vai no sentido de reconsiderar os problemas do «desenvolvimento económico» a partir de uma perspectiva de interpretação que insiste na natureza política dos processos de transformação económica. Simultâneamente, os autores procuram mostrar que a referência às «situações históricas» nas quais se dão as transformações económicas é essencial para a compreensão do significado dessas transformações, bem como para a análise dos seus limites estruturais e das condições que as tornam possíveis.

Formulando nestes termos a relação entre *processo económico, condições estruturais* e *situação histórica*, ficam evidentes as limitações da utilização dos esquemas teóricos relativos ao desenvolvimento económico e à formação da sociedade capitalista dos países hoje desenvolvidos para a compreensão da situação dos países latino-americanos. Não só o momento histórico é distinto, como as condições estruturais do desenvolvimento e da sociedade se tornaram històricamnte diversas. O reconhecimento dessas diferenças levou os autores à crítica dos conceitos de subdesenvolvimento e periferia económica, e à valorização do conceito de dependência, como instrumento teórico para acentuar tanto os aspectos económicos do subdesenvolvimento quanto os processos políticos de dominação de uns países por outros, de umas classes por outras, num contexto de dependência nacional. Consequentemente sobressai a especificidade da «instauração» do modo de produção capitalista em formações sociais cujo traço histórico mais peculiar é a dependência.

Por outro lado, através da crítica do conceito de dependência os autores procuram retomar a tradição no pensamento político: «*não existe uma relação metafísica de dependência entre uma Nação e outra, um Estado e outro*». Essas relações tornam-se possíveis concretamente por intermédio de uma rede de interesses e de coacções que ligam uns grupos sociais aos outros, umas classes às outras. Sendo assim, é preciso determinar interpretativamente a forma que essas relações assumem em cada situação básica de dependência, mostrando como Estado, Classe e Produção se relacionam. Analìticamente será preciso provar, posteriormente, o fundamento concreto das interpretações feitas sobre o modo de relacionação sugerido para cada uma das situações fundamentais que são esquematizadas na obra.

A caracterização das situações referidas acima é tentada, também. Através dela mostra-se que, na América Latina, é possível determinar duas situações básicas de relacionação das classes entre si, com o Estado e com o sistema produtivo, em função do modo de relacão deste com o mercado internacional e da forma de controle da producão. Num caso é ressaltada a especificidade das «economias de enclave», noutro o do

«controle nacional do sistema exportador».

Seguidamente procura-se indicar o fluxo das transformações históricas dessas situações de base, tais como se concretizaram em formações sociais específicas e, além disso, a partir da diferença entre as possibilidades estruturais básicas oferecidas pela situação de enclave e pela situação de controle nacional do sistema exportador, como as mudanças sociais, políticas e económicas se deram distintamente nos vários países considerados. Nos capítulos finais, entretanto, retoma-se o tema geral das condições estruturais do desenvolvimento capitalista em países dependentes e, então, são caracterizadas as contradições actualmente existentes tanto em termos dos efeitos da organização produtiva dos sectores industrial-modernos da região sobre o conjunto do sistema económico nacional quanto em termos das relações das classes e grupos sociais entre si e com o Estado, a partir do momento em que se forma uma economia industrial-dependente. Nesse esforço, mostra-se a autonomia relativa, as contradições e as possibilidades de convergência entre o sistema económico e o processo político e expressa-se a crença em que a compreensão da situação actual dos países industrializados e dependentes da América Latina requer a análise dos chamados efeitos de «internacionalização do mercado interno», expressão que caracteriza a situação que responde a um controle crescente do sistema económico das nações dependentes pelas grandes unidades produtivas monopolísticas internacionais.

Finalmente descreve-se também como os grandes temas da política do período correspondente à tentativa de formação e fortalecimento do mercado interno e da economia nacional (o populismo e o nacionalismo) foram perdendo substância e redefinindo-se em função do novo carácter da dependência e procura-se verificar até que ponto, apesar das transformações assinaladas, seria possível manter a ideia de dependência ou, ao contrário, dever substituí-la pela de interdependência.

J. M. Rolo

COOPER, David — *Psychiatrie et anti-psychiatrie* — colection «Le Champ Freudien», Editions du Seuil, Paris, 1970, 189 p.

A prática psiquiátrica tradicional e os seus suportes institucionais encontram-se em processo de negação. Alguns são já os autores (Laing, Esterson, Bataglia, Mannoni, etc.) que ao fazerem o ponto do que tem sido aquela prática social explicitam as dimensões repressivas que a mesma veicula. Utilizando embora quadros teórico-metodológicos não por inteiro coincidentes, retratam métodos e técnicas de intervenção socialmente «respeitados» como outros tantos métodos e técnicas de «invalidação social», contestam a obrigação do «tratamento», denunciam a esclerose institucional, e a própria psiquiatria globalmente. Leia-se, a título de exemplo, o que Cooper nos diz sobre o «tratamento»: «Creio que a principal dificuldade se encontra na ideia que é preciso «tratar» os doentes. Tratar é um termo tão ambíguo: tratam-se o petróleo bruto, os couros, os aços ou os doentes. (...). Tratar é essencialmente uma preversão mecânica por ideais médicos, que se opõe de muitas maneiras à tradição autêntica da cura. (...). Tratar é estar interessado em tornar o doente mais aceitável pelos outros, afim de que estes (inclusivé os médicos e os enfermeiros) fiquem menos ansiosos em relação àquele...»

O presente trabalho, cuja radicalização de óptica cometida pelo autor permite contribuir para a desmontagem crítica do campo da psiquiatria e que se situa dentro do movimento anti-psiquiátrico em curso, é em primeira linha um ensaio sobre o problema da «violência em psiquiatria» ou, mais rigorosamente e conforme as palavras do autor, sobre a «violência da psiquiatria», violência que a sociedade produz e verte condensada, enquanto sua própria «necessidade vital», sobre aqueles que rotula de «doentes mentais»: afinal a reprodução pelas instituições psiquiátricas das relações sociais de opressão que campeiam na sociedade «normal».

Cooper, aborda neste seu livro, o indivíduo dito «esquizofrénico» em si